

FINALISTAS

DE

1947-48

DOS

Cursos Médios

DO

I. P. E.



Os finalistas cumprimentam
Vossas Excelências
E despedem-se,
Para sempre,
Com saudade...

No album dos finalistas
Quem quiser pode-os ver
Acabados de fazer
Com ideias fantasistas
Vão lá fora dar nas vistas

Eis aqui as suas caras
Simples, fixes a valer
Que vêm aureoladas,
Por suas virtudes raras.
Defeitos de convencer,
Manias mal comentadas,
Para os não enrubeser

Nove em contabilidade
Sábios já provados são,
Cinco tem idoneidade
Em Minas e Construção
Há mais ainda p'ra ver.
Oito em máquinas formados
Aqui vão representados
Quem quiser, pode-os ver.

Uns gostam muito da farda,
Outros civil vida quer,
Cada um tem já pensada
Qualquer coisa imaginada
Que vai lá fora fazer...

Bancos mal contab'lizados,
Casas que ao chão vêm dar,
Maquinas assucataadas,
Assim podem imaginar
Suas obras de espantar.

Porém se alguma menina
Mesmo assim simpatizar,
Pode o livro folhear
E escolher de todos êles
O que mais possa agradar,
Pois eu, palavra não dada,
Jurarei à fé de abade
Que nenhum tem namorada...

«O ABADE»

Juho Simões de F. da Silva

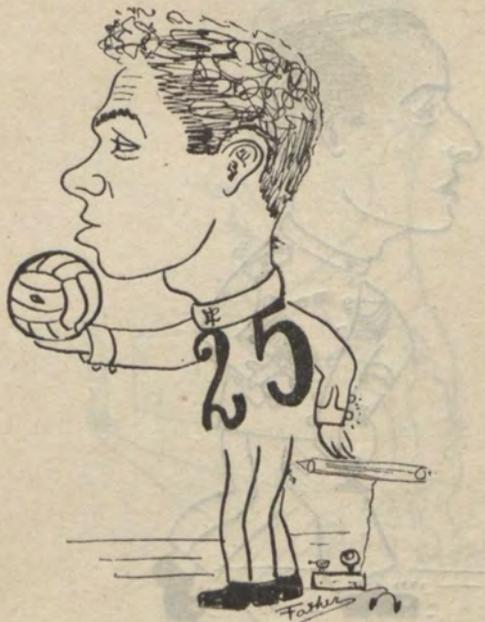
Contabilidade



DOIS PARA A MARINHA VÃO
QUATRO O EXERCITO QUER
CIVIS APENAS FICAM
EU, BRANDÃO E FATHER.

Júlio Simões de Sousa da Silva

Contabilista



Em estilo moderno
Vão ser meus versos feitos.

. . . .

Fui aluno do Instituto
Durante muitos anos!
Oh!
E desde que entrei
'té agora,
Muito e bom me ensinaram.
E nunca me castigaram.
(Rimei sem querer)

Pois se eu
Não merecia...
Mas,
Agora que vou sair...
Parto cheio
De saudades
De tudo quanto aqui
Fica...
Parto cheio de saudades!

(Desculpem quem isto escreveu.
Foi a pessoa de

Eu)

Nuno Helder Louro Coelho

Contabilista



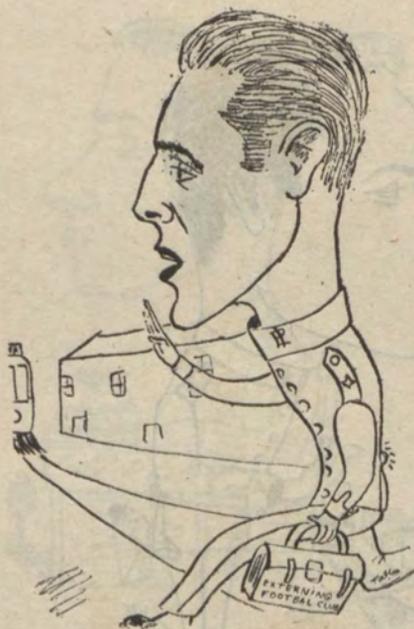
Um dos grandes materialistas
Este reformador d'Angola
Um dos poucos contabilistas
Que p'ra matemática tem tola

É celibatário de coração
Mas está doido, coitadinho
O ano passado na excursão
Pretendeu ver Braga p'lo olhinho

O nove em francês diz-se *neuf*
Olho de boi, *oeil de boeuf*
Numero *deux cents vingt et un*
É o Nuno, o *Lapin*

Armando José Sequeira Taborda e Silva

Contabilista



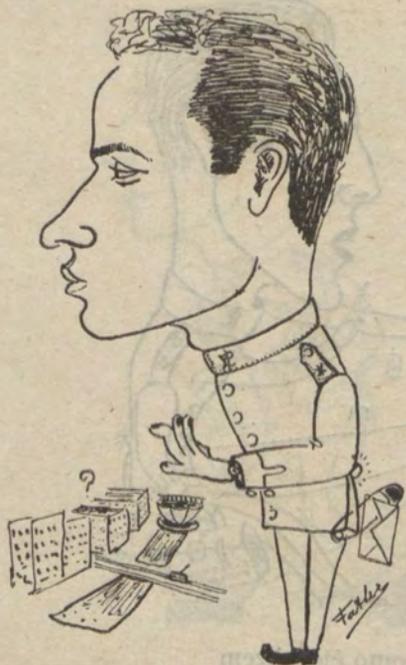
Ser feio, como êles dizem
E como outros m'apelidam
E ter delas o coração
São coisas que não condizem

Dizem ter orelhas a mais
P'ra afugentar os pardais
Mesmo com nariz torcido
Eu tambem pinto d'ouvido

Eu já o Pacheco não sou
Nem desejo sê-lo jamais
D'outrora, só me ficou
O Taborda, nada mais

Jaime Horta Galvão d'Almeida Brandão

Contabilista



No jogo és catedrático
Nas chamadas sempre ousado
Só no amor és dramático
E no desporto, um atado.

Dôs jajigos de pedra lisa
Mesmo no alto de S. João
Tem o que namora a *Eslisa*
O cat'escudos, o Brandão.

Quem não reconhece no Brandão
Um grande e fixe camarada?
De entre todos o mais pontarrão
Tojões, o mago da calinada,

Antonino dos Santos Lajes Martins

Contabilista



Tomai cuidado, tomai
Coisa alguma lhe digais
Que se conversa lhe dais
Nunca mais vos largará,
Jamais lhe podeis fugir
E a injeção vos dará
Da longa filosofia
Empinada noite e dia
Com que toda a gente massa
Este insuportável carraça

Livros de todo o quilate
E papel venha aos montões,
Em cima da sua mesa
Vai escrever disparates,
Maravilhas, confusões,
Torrentes de filosofia,

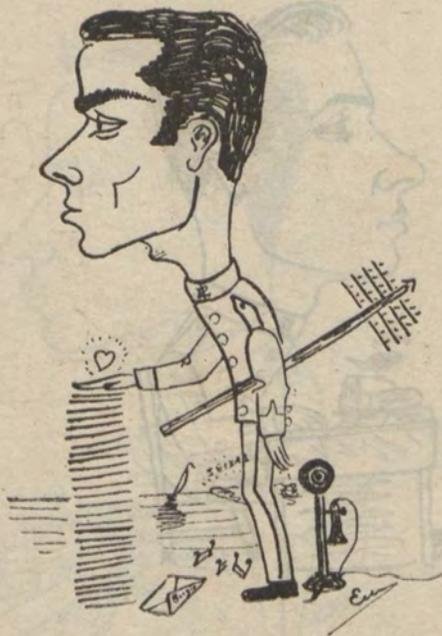
Teorias de neutrões
E cálculos de astronomia.

Quando êle está a falar
Trata a malta de fugir,
Receando à lista ir
Dos que calha a gozar;
Chamam-lhe Pêga a reinar
E é de todos conhecido
Não precisa apresentação
Pois este tenaz empinão.

Voa Pêga sê feliz
E procura noiva surda
Sempre ao teu palavreado,
Se teu feitio não muda,
P'ra não seres... abandonado?

José Armando Silva

Contabilista



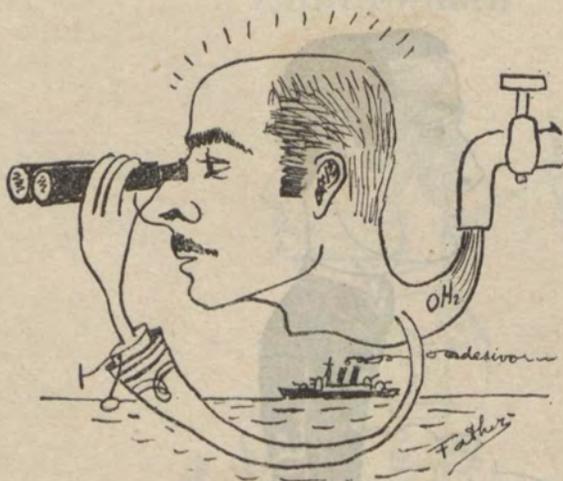
Anda o pilão sempre gingão
Com o boné às três pancadas
A's vezes sim, às vezes não
E' dos melhores camaradas

Propôz-se a sério pensar
E p'ra achar quem o guie
Começou a namorar
A sua querida *Boogie*

Da equipe do pilão, um pilar
No amor é um az, quand' êle quer
Só às chamadas e formas tem azar
José Armando da Silva, o *Father*.

João Hipólito Ribeiro Lourenço

Contabilista



João que dizes adeus
Esta verdade não negas
Se tu tivesses pneus
Eras um carro de regas.

Para a Naval vais entrar
Mas sem cabelo coitado
E um dia ao naufragar
Vê se morres afogado

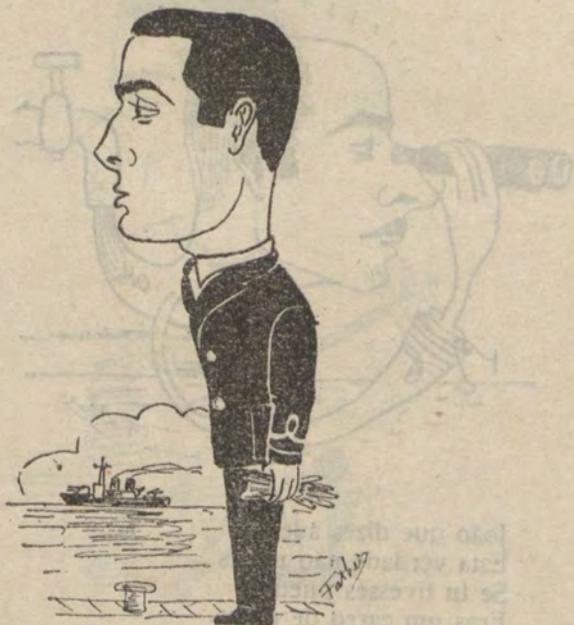
Nem tudo que luz é oiro
Diz um antigo rifão
Nem todo o boi é um toiro
Nem todo o careca é João

O 296

Com o calor sua em bica
O nome dela sabeis?
Eu suponho que é... Francisca

Arnaldo Afonso Almeida Antunes

Contabilista



O nome deste rapaz
E' por estranha coincidência
Formado por quatro «as»
—Um A à quarta potência.

Da equipa de futebol
E' um esteio na defesa...
Dá pontapés à espanhola
E à antiga portuguesa.

Tem fama de sedutor
E' das «girls» campeão
E' mesmo um castigador
O «Tirone» do pilão.

Teu sonho é ir p'rá Naval
Pois vai ninguem to impede
E recebe o adeus leal
Da «malta» que se despede!

Américo José dos Santos Barata

Contabilista



Comandante de Companhia
Tem alto apurmo e galhardia
Só lastima os seus queixais
Que são talvez grandes demais.

Dá inúmeras explicações.
Aos que forem mais precisados
Que já podem estar preparados
P'ro receberem pelos verões.

Será vício, será tára?
Quando ele come é sempre o diabo
Se começa nunca mais pára
José Barata, o *Nabo*.

Curso de Máquinas e Electrotecnicia



De máquinas, aqui estão
Oito feros elementos,
Que descobertas aos centos
Eles lá fora farão,
Ao menos em casamentos,
Pois pelos dados que tenho
Já estão todos casados...
Julgo que à Escola Naval
Nenhum quer ir ser Cabral..

Brasiliano Augusto da Silva

Máquinas



Acabado de formar
O Brasiliano Augusto
Em selos de muito custo
Pode a vida ir ganhar.

Pela foto está-se a ver
Tem altura de menino,
Como pequeno é ladino
É irónico a valer...

E sem espinhos p'ra rasgar
Ele é Da Silva também,
Habilmente, "goza" a quem
Por "calcinhas" o chamar.

Ei-lo que vai já partir
E se alguém o quiser ver
Uma lupa tem de ter
Para o ver de cá sair

E adeus por este ano
Sê feliz Brasiliano.

Manuel José de Carvalho

Máquinas



Rapaz, calmo, sosegado,
Que d'Africa foi tirado'
Para o continente honrar.
E mal a Lisboa chegou,
Tanto do Pilão gostou,
Que p'ra perto foi morar.

Às minucias dedicou,
Atenção particular
Dos sábios discordou,
Muita pólvra inventou,
E sem ninguém a comprar.

Mas o amor certo dia,
Pois em Bemfica vivia,
A sua fleugma venceu;
Certa loirinha engraçada,

Foi por Cupido enviada,
E Pela beca o prendeu.

Bom ginasta e nadador,
A um prego inferior,
E no disco é só vencer;
Já dez metros tem lançado
E mais não tem atirado,
Com receio de o perder.

Que vás triunfar na Vida,
Desejo na despedida;
Que mais não cresça o nariz;
Que consigas o que queres,
No estudo e nas mulheres:
Adeus beca... sê feliz.

Afonso Lemos Proença

Máquinas



Afonso, que de baco és
Atento venerador!

Que comes e bebes por dez
Quando à mesa assentas pés

Que trazes do bolso caído
Segurando às vezes, chaves
Um cordel muito comprido.

Que és imberbe, loiro e alto
E gostas do vinho verde,
(Não rima, mas é verdade).

Que usas particularmente
Um nome que assusta a gente.

Afonso Lemos Proença
Granjal de Sousa Ferreira...
(Sobra nome que aqui não cabe)
Natural de sernanceihe,
Nas serranias da Beira.

Que não há livro que resista,
Por mais absurdo que seja,
A por ti, ser «empinado»,
Quando «pedalas» na «pista»

Que és grande entre os maquinistas
E douto entre os finalistas.

Vais lá fora triunfar
E da Casa que te educou
O nome irás honrar.

Muita sorte, pois meu caro
E aceita êstes versos
Do meu engenho raro...
Quanto basta: são modernos
E eu o estilo não mudo
Porque agora a poesia, ainda que seja
prosa, admite tudo...

Alfredo Rosa Jácome

Máquinas



Alto, forte, um atleta valoroso,
Em várias provas ficou em terceiro.
Três concorrentes, mesmo assim honroso
À frente só o segundo e o primeiro.

No trampolim é o ás da aspereza
Ao cair, parece, um furacão.
E a patinar que arte e que leveza!
Com que ele sabe limpar o chão

Na Chainça teve grandes paixões
Mas nelas não quer mais ouvir falar
Mudou; e foi nos bailes do Simões
Que encontrou consolo para o seu penar

Às vezes troca as frases sem querer
E saiem trocadilhos de pasmar.
Que seja calino, não quero dizer
São suas "pegas" que o podem julgar.

José da Conceição Santos

Maquinista



Na «Universidade» da sua Almada
Que muitos mereciam frequentar
Viu Santos, lotação já esgotada
E muitos à espera de lugar.

E vendo que lá não se governava
Para o Pilão voltou sua vista
Para ser famoso em tudo que entrava:
—Desportos, Amores, e Maquinista.

Muito novo teve o seu primeiro Amor
Em breve se desfez a ilusão.
Fez-lhe bem; ficou um conquistador,
Procurando a merecedora do seu coração.

P'ra África vai deitando o olhar
Na esperança dum futuro melhor
Mas se fôr, muita moça há-de chorar
Excepto ELA, a eleita, o seu Amor.

José de Oliveira

Maquinista



Este forte rapagão
Com seus «delicados» Pés
Começa aqui no Pilão
E sem gastar um tostão,
Vê Lisboa lés a lés.

No desporto as cores honrou
Foi no remo um campeão,
Mas isto nele acabou
Pois o amor triunfou
E levou -lhe o coração.

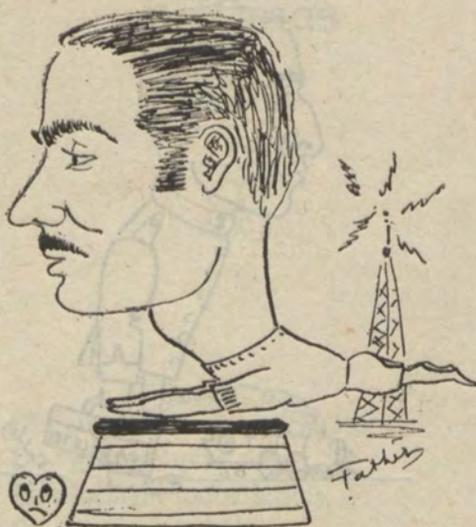
E tão exquesito achado
Sempre contrário aos amores,
Está agora apaixonado
E em Benfica tem deixado
Os seus olhos bicolores

Sempre a alegria no rosto
A falar "rendendo peixe",
Mesmo que a malta não deixe
"Render o peixe" a seu gosto,
Ei - lo pronto no seu posto.

Estás já pronto para marchar;
Sê feliz caro Oliveira,
Mas cuidado ao abalar
Se fazes alguma asneira.
Há tempo para casar...

Joaquim Fernandes de Oliveira

Maquinista



Bigode á Gable e ar conquistador
Em cada canto deixa uma paixão
A sua volta há hinos só de amor,
Nada resiste á sua sedução.

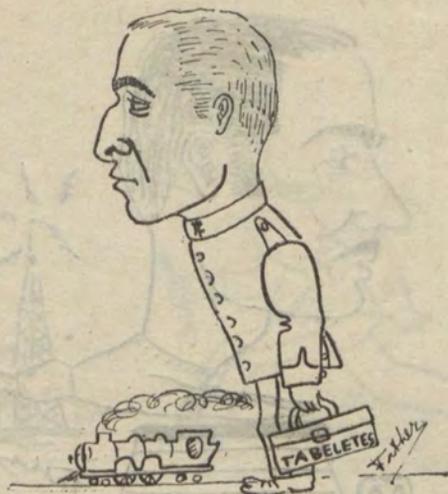
Seja em baile, em casa e perseguindo
ou mesmo aos outros a *pêga* roubando
O novo D. Juan, sempre sorrindo,
A sua colecção vai aumentando

Noutros campos tem êle triunfado,
Em tudo que se mete tem valor;
Trampolineiro puro e afamado,
Futebolista, ginasta e cantor.

De instrumentos toca telefonia,
Com habilidade e com perfeição.
Gosta da rádio: — deu a garantia.
Que para ela tem queda e vocação

Antonio Augusto Alves

Maquinista



Vêde aqui, que admiração
Este ilustre Finalista,
Com o curso do Pilão
Já quasi no fim da pista
Quer no negócio dar brado,
Montando em sitio estudado
Fábrica de muita monta,
Para no seu mealheiro
Juntar dinheiro sem conta.

Teve no amor um fracasso,
Deixa-lo, a pouco, curar,
Há tanta gente a palrar
Que tenha sofrido o mesmo;
Noutros porém triunfou
Ganhando louros a êsmo

E a Ericeira que diga
Se lá teve gente amiga...

Veia quer, ter de inventor,
Vejam lá que fantasista,
Pois sendo só maquinista
Quer saber ser construtor
Tudo quer experimentar
Mas se não toma cuidado
Principalmente no amor,
Acaba por nada dar
Se não findar em tarado...

Alves partes para a vida
Muito amor, sorte comprida
E acima de tudo juizo
Se não queres ter prejuizo...

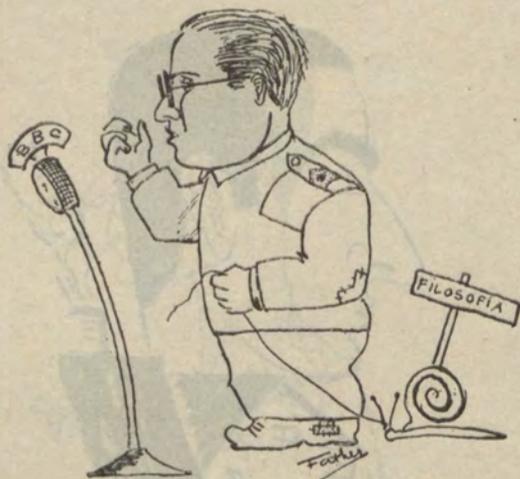
Curso de Construções, Obras Públicas e Minas



São cinco, mas que conjunto
De "gozões" p'ra reçar,
Eles formam todos juntos,
Se estiverem a falar
Em coisas mal arranjadas
Ou mesino em coisas perfeitas.
Quasi prontos de formar
Em CONSTRUÇÕES acabadas,
OBRAS PÚBLICAS já feitas,
E também MINAS exploradas.
Civil será sua vida
E se acaso uma menina,
Por construtor tiver fraco,
Não terá muitas massadas
De um, a um segue o retrato...

Teodoro Domigos Rita

Construções



Nosso abade Constantino
Ei-lo pronto p'ra sair.
Se na vida tiver tino
Não se metendo no vinho,
Poderá lá progredir
Levando o tempo a sorrir.

Faz a metro a poesia
Que atormenta, a martelar,
E de filósofo a veia
Ou talvez mesmo a mania
Todos lhe sabem notar
Quando o ouvem a falar.

Vai lá fora construir
Casas baixas, empenadas,
Pontes no chão, a cair,
E estradas muito apertadas
Ou minas atarracadas
Para a cabeça ferir...

Pois adeus meu caro abade
Deus te dê felicidade.
Põe de parte a filosofia
Deixa em paz a poesia;
P'ra chegares à santidade
Dedica-te à teologia.

Paulo Eugénio d'Albuquerque Sanches da Gama

Construções



i

Pilão pilin, pileca
Este é o Beca.

II

A construção
Dum barracão
leva um ano.
Oh mano!!!

III

Roxo, raxo, rixa
Vai p'ra bicha...

IV

A formação
Dum Pilão,
Não leva um ano.
Oh mano!!!

V

Partir, sofrer, chorar
Vais p'ra lutar.

VI

Vencer na vida
É um momento?
Não! PILÕES,
Leva "milhões"

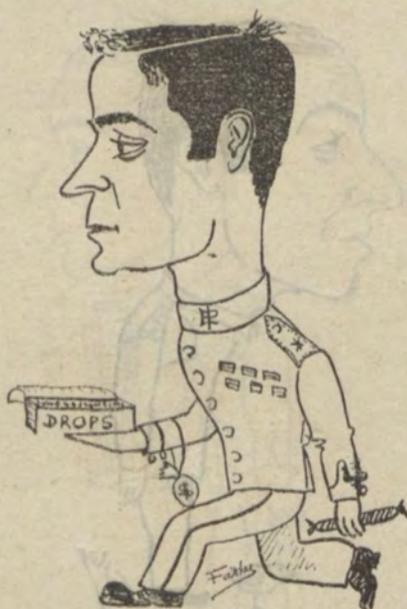
VII

Já pouco falta,
Adeus ó malta.

VIII

Na poesia moderna,
O estilo não, importa
Podem criticar á vontade
O SANDALO PERFUMA O MA-
CHADO QUE O CORTA.

Construções



Cuidado, muito cuidado
Um Carneiro à vossa frente
Está na Rua habituado
A não fazer mal à gente
Um barracão tem em mente
Assim possa construir
Para ir logo ao sair
Habitar eternamente
Com o seu amor somente.

Em águas boas salgadas
Prático, tirocinado
E em fortes auto-estradas
Que passem pela lua e terra
Por mulher foi castigado
Tantos amores êle encerra
Misteriosos, não sabidos,
Mas tenho que me calar
Porque estes versos são lidos,
Podia-o prejudicar...

Muito sorte, adeus Carneiro
Vê lá fora em que te metes
Que o negócio das tabletes
Não dá agora dinheiro

Alcino da Conceição Pinto

Construções



Vejam aqui, que ironia
Num livro de finalistas
De sábios de engenharia,
De doutos contabilistas,
Um Pinto da capoeira
A piar desta maneira . . .

Da «Bárbara» admirador
Do futebol e cinema
O Pinto de boa gema
Com pinha de construtor,
Tem porém um forte azar
Qualquer moça que amar
Morre cedo pela certa.

Partes Pinto de asas no ar
Saúde, sorte e dinheiro,
Sê feliz se p'ra casar
Arranjares franga que viva,
Não morra no galinheiro
E tenha muito dinheiro . . .

Francisco de Alegria Cardoso Carvalho

Construções



Este é o Cabo Formiga
Alto, estica, escanzelado,
Seu feitio agarotado
Vai lançar em nova vida.

Altos, estreitos barracões
Construir com seu aspecto
Vai lá fora, êste architecto
Em nome das Construções.

E se bastante dinheiro
Uma casa te custar,
Para teu amor guardar
Antes faz um formigueiro...

Partes meu caro Cardoso
Com teu curso terminado
Já na vida estás lançado
Sejas feliz e ditoso...

Marcha dos Finalistas

1947-48

Este Instituto, apanágio de quem
Um dia o estudo o levou até final,
Vamos deixar, e sem mágoa com ninguém
De alma forte, vamos servir Portugal!
E ao soltarmos o Adeus que já não tarda,
Grato sorriso destes lábios vai sair,
Mas sentiremos, ao despirmos esta farda,
A saudade de a tornarmos a vestir.

Adeus,
Ó corações amigos!
Que nesta santa hora
Pulsais por nosso bem;

Adeus,
Ficai-vos e sem perigos!
Nós vamo-nos embora
Servir a Pátria Mãe...

Já lenços brancos, como para tapar abrolhos,
vão alvejando, só nos falta adivinhar.
Se vão servir para enxugar os olhos.
Ou se destinam só para nos acenar...
Damas gentis, enlevo da Mocidade!
Almas bondosas, sem maneiras fanasistas!
Erguei os braços que vos fala uma saudade!
E recebei o Adeus dos Finalistas!

Adeus,
Ó corações amigos!
Etc. etc.

